

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### **Festa de São João Batista da Rua do Capim (Goiás – GO): patrimônio, memória e resistência na “rua-lugar”.**

Sinara Carvalho de Sá<sup>1</sup>

Luana Nunes Martins de Lima<sup>2</sup>

#### **Introdução**

As memórias festivas sejam elas “voluntárias, induzidas ou involuntárias” (Delgado, 2010, p. 38), têm o poder de ensinar sobre o patrimônio do lugar, justamente porque reproduz de modo simbólico e simplificado, a identidade e os valores da sociedade que o produziu (Brandão, 1974, p. 208). É um elo da sociedade atual, não apenas com o sagrado, mas com seu próprio passado, portanto, têm um efeito pedagógico necessário e oportuno, diante da ausência de políticas públicas de incentivo e valorização cultural.

Esta pesquisa objetivou investigar a Festa de São João Batista da Rua do Capim, na Cidade de Goiás-GO, bem como os processos dinâmicos desta manifestação festivo-religiosa e sua importância para o patrimônio sociocultural desta cidade. Trata-se de uma festa que acontece há mais de setenta anos e é realizada por um grupo social à margem da valorização patrimonial do centro histórico tombado, em sua maioria, negros e pobres da Cidade de Goiás.

A singularidade trazida pelas manifestações da Rua do Capim se deve ao fato de refletirem a força do lugar, transpassando a própria lógica das tradições e devoções a São João Batista, muito comum em todo o território nacional, ao apresentarem as afetividades, saberes e fazeres coletivos de uma comunidade urbana negra, que resiste, em vida e em história, a partir da colaboração entre seus membros.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás. Email: sinaracarvalhosa@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás. Email: luana.lima@ueg.br

A resistência se dá à revelia de séculos de processos de marginalização, produzidos na formação e urbanização da cidade por uma elite branca colonial que demarcou os espaços de poder e as memórias a serem resguardadas, legitimados pelos processos de patrimonialização oficial.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa foram de natureza bibliográfica, a partir de leituras sobre memória e identidade, patrimônio material e imaterial; ademais, foi uma pesquisa participante com ênfase nas oralidades e na realização de entrevistas narrativas com os moradores, agentes promovedores da Festa de São João Batista da Rua do Capim e com consulta a acervos fotográficos de membros da comunidade.

A investigação contou com a participação de onze moradores(as) da Rua do Capim, organizadores(as) da festa, que responderam a um questionário escrito, além de nove entrevistas que foram gravadas (com captação de imagem e som para a produção de um vídeo documentário). Os vínculos preestabelecidos de uma das autoras, que também “nasceu e cresceu na rua”, a mesclagem entre memória pessoal, memória familiar e memória coletiva, bem como de identidades individuais e coletivas, também auxiliaram nas indagações, durante as entrevistas e em suas análises posteriores.

A pesquisa assim lançou um olhar para a festa como patrimônio próprio e singular da Rua do Capim. Trata-se do movimento de compreender a “cidade-patrimônio” a partir dos patrimônios do lugar.

### **Lugar de festa e resistência negra: a Rua do Capim**

A Rua do Capim teria surgido por volta do final do século XVIII, oriundo do processo de urbanização do governador da capitania, o capitão-general Luiz da Cunha Menezes (Moraes, 2018, p. 85), tido como o administrador que mais beneficiou a vila no que se refere a melhoramentos urbanos.

Também conhecida como Praça Conceição, Rua Conceição ou, o mais comum, Rua ou Praça do Capim (que para os moradores se deve ao fato da demora no calçamento das ruas e a grande presença de terra e plantas rasteiras), seu nome oficial é Rua Joaquim Paulo da Conceição, homenagem ao senhor Joaquim, um dos

primeiros moradores da comunidade: homem negro, pai de onze filhos, que exercia a função de professor, figura conhecida e de grande influência no meio político.

Figura 1 (esquerda): Praça Conceição ou Praça do Capim. Figura 2 (direita): Estátua do Professor Joaquim Paulo da Conceição, que originou o nome da rua.



Fotos: Sinara Carvalho de Sá, 2021.

Atualmente, os descendentes, filhas, netos(as), bisnetos(as) de Joaquim, ainda residem na comunidade. Dentre os descendentes, destacam-se suas filhas Doroty Carvalho de Assis e Antônia Carvalho da Conceição, que iniciaram, respectivamente, a tradição da festa de São João Batista e a Quadrilha do Capim; suas netas, Undiara Carvalho de Assis e Sinara Carvalho de Sá, com as(os) bisnetas(os) Nayara Fernanda Carvalho de Assis, Marcela Assis Cirqueira e Humberto Assis Cirqueira, organizam e ajudam na manutenção da tradição familiar.

A Rua do Capim está constituída dentro do núcleo que formou a sociedade negra e alforra da Cidade de Goiás. Hoje abriga as festividades em louvor a São João Batista, que se difere das outras festas juninas. A princípio, ressalta-se que a rua-praça em questão, fora, inicialmente, o lugar de estabelecimento da população negra mal quista no centro urbano, onde residem famílias mais abastadas, muitas tidas como tradicionais da cidade. A rua situa-se entre o centro histórico e o Alto Santana, um bairro periférico que foi, recentemente, reconhecido como Quilombo Urbano pela Fundação Cultural Palmares, conforme Portaria N<sup>o</sup> 281, de 24 de outubro de 2017<sup>3</sup>. Compreendemos esse conceito de quilombo urbano a partir de Oliveira e D'Abadia, (2015, p. 258-259), como formas de resistências do povo negro, expressas na recorrente luta política e identitária pela manutenção do seu direito ao território, bem como tentativa de reconhecimento de civilidade, tendo em vista que se localizam às margens dos centros urbanos, esquecidos pelo Estado, com seus direitos fundamentais negados.

<sup>3</sup> Diário Oficial da União, Seção 1, N<sup>o</sup> 205, quarta-feira, 25 de outubro de 2017.

Já o artigo 2º do Decreto 4887/2003 (BRASIL, 2003) considera remanescentes das comunidades dos quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Portanto:

[...] as comunidades quilombolas urbanas se veem inseridas em meio aos problemas próprios de espaços urbanos carregados da complexidade e da heterogeneidade que permeiam a vida cidadina. A apropriação de seus territórios se vincula, geralmente, à realidade da periferia e/ou de espaços marginalizados e/ou segregados. São espaços etnicamente diferenciados por serem constituídos por grupos identitários que buscam o reconhecimento de sua identidade e a segurança jurídica de seu direito à propriedade para romper o ciclo da segregação espacial (OLIVEIRA; D'ABADIA, 2015, 259).

Compreender os processos de aquilombamento urbano e as origens e localidades do Alto Santana é primordial para o entendimento do processo de formação e territorialidade da Rua do Capim. Nas primeiras décadas do século XIX, o espaço que hoje se localiza a esta rua começava a ser ocupado, constituindo-se área marginal, a periferia da área urbana.

A inserção da Praça do Capim, em comparação com o Alto Santana (perímetros destacados), equidistantes do espaço tombado pelo patrimônio. A Rua Conceição está há cerca de 300 metros do Alto Santana (500 metros de sua praça, onde também há uma tradicional Festa Junina); é circundada pela parte tombada, à esquerda, há 240 metros da Rua Vereador Hugo Argenta (Rua do Cemitério), à frente, 350 metros da Rua Senador Eugênio Jardim (Rua da Abadia) e à direita, 260 metros do Beco Santa Luzia.

As casas são construções diferenciadas das edificações centrais, tanto em escala, como em ornamentações; maioria ainda pelo sistema construtivo rudimentar (vernacular) dão sentido ao arruamento envolvendo uma praça, que é espaço de socialização da festa (missas, almoços, danças, bingo). De acordo com Ribeiro (2020, p. 47):

Observando os domicílios que compõe a rua, é possível constatar construções em alvenaria, adobe, de taipa, ou balaço (tijolo) a reboque e/ou caiado de branco muitas delas geminadas conforme características da arquitetura colonial. Muitas mantiveram as portas e as janelas em madeira pintada com cores fortes, semelhante à arquitetura popular portuguesa encontrada no interior de Portugal, contrastando com a predominância das paredes brancas, muito comuns nos centros históricos goianos do período

colonial, o que se faz possível a política de preservação, uma vez que a rua se encontra na área de entorno do Centro Histórico tombado pelo Iphan, o que permite a algumas residências, a variação de cores nas fachadas (RIBEIRO, 2020, p. 47)

É uma rua familiar, em que gerações habitam na mesma casa. Identificamos, ali, as vivências de cada partícipe e sua relação com a “rua-lugar” e com a devoção a São João Batista. A rua possui quatro vias de acessos, das quais, três são becos estreitos: Beco do Ouro Fino; Beco da Santa Bárbara, e “Becão”<sup>4</sup>.

A praça, envolvida pelas casas de forma *circular-afetiva*, conforme Figura 3, é o lugar de encontros, sociabilidades de mais ou menos 40 famílias que ali permanecem de forma geracional.

Figura 3 (esquerda): Imagem aérea da Praça do Capim. Figura 4 (direita): Praça do Capim e suas casas geminadas



Fontos: Vinícius Ripol, 2021; Sinara Carvalho de Sá (2020).

Essa circularidade permite maior aproximação visual e afetiva entre os moradores, o que remonta os espaços coletivos dos povos originários; é como se a praça fosse uma grande sala a céu aberto, a forma permite os encontros de gerações.

“Estar dentro do lugar é pertencer a ele e identificar com ele, e quanto mais profundamente interior você é mais forte é a identidade com o lugar” (Relph, 1976, p.49). Enquanto o mundo todo é transformação e efemeridades, o lugar dá a sensação de permanência; é a estabilidade que os indivíduos precisam em meio ao caos do mundo moderno. Assim, “os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais” (Halbwachs, 1990, p.136), como expressa a estudante Marcela, de 19 anos:

A Rua do Capim, pra mim, é uma rua de muita paz, porque as casas são de

---

<sup>4</sup> Do Beco do Ouro Fino é via principal de acesso para o centro da cidade. Um outro acesso, conhecido popularmente como Becão, liga a comunidade à Praça da Manchora, local onde relatam ter existido a forca (sistema de punição colonial). Já o Beco da Santa Bárbara liga a comunidade com os moradores do quilombo urbano do Alto Santana e arredores.

parede e meia, é muito fácil a união. E todo mundo faz parte de todo mundo. Todo mundo aqui é família. Quando tive que sair daqui pra fazer faculdade, eu sofri, eu senti a diferença, porque na cidade grande não tem espírito de comunidade. Não é todo mundo que sabe a importância de viver em comunidade, viver em harmonia (Marcela Gabriela Assis Cirqueira, moradora. Entrevista concedida em: 18 abr. 2021).

O entrelaçamento entre a identidade da comunidade, o sentido de lugar e a tradição da festa são evidenciadas, ainda, no fato das novenas sempre ocorrerem nas casas da praça, como destaca Seu Toin, filho de Dona Ica Rezaderia: “A novena acontece durante os nove dias e é feita na casa de um escolhido para ser novenário, sempre na Rua do Capim, nunca saiu de dentro da Praça do Capim” (Antônio Rodrigues de Jesus, morador. Entrevista concedida em: 17 abr. 2021).

Outro aspecto importante da memória é ter o grupo como referência, ou seja, a forma que se associa a uma realidade externa às vivências pessoais advém do arcabouço de significantes que são apreendidos pelo contato com o grupo; é por isso que a memória festiva está intrinsecamente ligada à identidade coletiva e a rua-lugar, corroborando com Tuan, que defende que o lugar possui “espírito, “personalidade”, existe um sentido no lugar (Tuan, 1983, p, 09), como atesta um dos moradores:

Eu sempre falo assim, talvez se não tivesse São João Batista aqui na rua, não seria a Rua do Capim. Você pode chegar em qualquer lugar e falar “eu moro na Rua do Capim”. “Ah, onde acontece o *arraiá* do Capim?”. Então acaba, assim, o Santo trazendo uma identidade pra rua [...]. Se dá uma identidade do local, uma característica.

[...] eu olho ela como o coração pra todos, entendeu? Porque todo mundo, quando é festa de São João Batista, se reúne nela, começa tudo nela, os ensaios de quadrilha é nela. O hasteamento do mastro é no centro dela, entendeu? Como se fosse o coração da rua, assim. (Humberto Assis Cirqueira, moradora. Entrevista concedida em: 18 abr. 2021).

Para Halbwachs (1990, p. 133), “o lugar recebe a marca do grupo e vice-versa”, de modo que cada aspecto do lugar possui um sentido específico cognoscível apenas para os membros daquele lugar, e, assim, qualquer mudança no grupo, passa a repercutir no lugar e, da mesma forma, a mudança do lugar, também muda os indivíduos e o grupo.

Por meio de conversas informais e pesquisa oral participante, observamos que a festa de São Batista da Rua do Capim é marcada por rituais e símbolos, estruturada na partilha, nas rezas, nos cantos, nos encontros, na fogueira (batismo<sup>5</sup>), no mastro e

---

<sup>5</sup> O batismo consiste em apresentar ao fogo a criança ou alguém que não tenha sido batizado ainda,

no forró. O encontro da devoção com a rua dá significado ao lugar, preenchendo-o de memórias. Cada aspecto do espaço possui sua própria importância no itinerário da festa, ou seja: no centro, há as tendas; nas laterais, as barraquinhas; à direita da tenda, a fogueira e o mastro; à frente, as casas onde são feitas as comidas coletivas; nos bancos, onde ocorrem as sociabilizações. Tais elementos atuam conjuntamente na construção de uma *identidade-tradição* dessa “*rua-lugar*”.

### **A festa do “lugar”: o louvor a São João Batista na Rua do Capim**

Na cidade de Goiás, a festa de São João Batista em geral, é realizada entre 14 a 23 de junho. É um evento local muito importante para a comunidade vilaboense, em especial, para os moradores da Rua do Capim, que de um local comum do espaço urbano, assume-se como lugar de memória, de pertencimento, um espaço sagrado.

A continuidade da tradição é, para essas pessoas, importante por serem devotos do santo, por ser uma tradição do lugar, mas, sobretudo, por terem sido seus entes queridos que a iniciaram.

Os moradores contam que, um dia, em meados da década de 1940, conversavam Doroty (Figura 4), filha de Joaquim da Conceição, que dá o nome à Rua e à praça, e um amigo, senhor Sebastião Farofa, sobre a devoção à São João Batista, quando surgiu a ideia de criar essa festividade, convidando os moradores e, posteriormente, a população local. Conta-se que quem primeiro teve a ideia de reunir pessoas, ensaiar e apresentar quadrilha no dia da festa foi a outra filha de Joaquim da Conceição, a Dona Antônia Carvalho da Conceição, ou Tia Tonha, como costumou-se chamá-la. Tia Tonha gritou (equivale a narrar) a quadrilha por décadas e hoje ainda ajuda na produção dos lanches comunitários e nas novenas.

Figura 5 (esquerda): Doroty Carvalho de Assis (*In memoriam*). Figura 6 (direita): Quadrilha infantil



pedindo que São João nunca deixe faltar nada e o livre de acidente com fogo. Nesse momento, são estabelecidos laços de compadrios muito fortes. Às vezes, mais fortes do que os estabelecidos oficialmente em uma igreja.

(1995).

Fontes: Autores e ano desconhecidos, arquivo pessoal de Sinara Carvalho de Sá e Giulio Cardoso.

Aos poucos, nesse entremeio de décadas, a festa foi se estruturando e ganhando novas atividades, como bingo, Casamento Caipira, chegando ao formato que é, atualmente. Uma dessas atividades, foi a célebre Quadrilha do Capim, cuja tradição e beleza e alegria é lembrada pelos moradores da cidade.

A festa, desde sua organização à desmontagem da barraca/tenda, é, sobretudo, espaço de socialização, de trocas simbólicas entre diferentes gerações. Nas lembranças é comum citarem lembranças da infância.

Há um aspecto na divisão das tarefas para a organização da festa que se assemelha às iniciações, de algumas culturas: desde à infância, por volta dos sete anos, as crianças começam a participar da organização na ornamentação; se mais habilidosas, no corte das bandeirolas; se mais altas, na colagem; as mais velhas auxiliam na feitura do “grude”<sup>6</sup>, no auxílio da cozinha, entre outras atividades da ornamentação. Vão envelhecendo e ocupando espaços de maior responsabilidade, como na divulgação dos festejos, como festeiras(os), como novenárias(os), etc., possivelmente, na vida de cada morador(a) adulto(a) da Rua do Capim, teve uma criança que colava bandeirola, e um(a) rezador(a) /festeiro(a)/ organizador(a), como relatam alguns entrevistados:

Eu lembro da festa, antigamente as pessoas saía uma semana antes, fazia um mutirão, ia pro mato, cortava os galhos, as forquilhas, jogava as palhas de bacuri<sup>7</sup>, furava os buracos em torno da praça. Aí fincava as forquilhas, jogava palhas em cima, fazia aquele rancho, cortava coco de bacuri, ornamentava a barraca. [...] Esse trabalho era compartilhado entre a comunidade da Rua do Capim, todo mundo participava, todo mundo doava seu tempo, as *mulhé*, as crianças amarravam cordões, colocava bandeirolas, ornamentava a praça, não só a barraca, mas a rua toda. Hoje mudou, hoje é essa tenda, hoje você não pode ir pro mato<sup>8</sup> cortar árvore, fazer forquilha pra fazer barraca (Antônio Rodrigues de Jesus, morador. Entrevista concedida em: 17 abr. 2021).

Esse saudosismo fundamenta-se na relação afetiva ligada a construção daquela memória. A memória é uma espécie de fotografia do passado; ela é um recorte

---

<sup>6</sup> Mistura feita com água e polvilho aquecida no fogo brando, utilizada como cola para grudar as bandeirolas nos cordões, pra ornamentar a barraca e aruá.

<sup>7</sup> (nome científico *Platonia insignis*) é uma árvore que pode chegar a 40 metros de altura e dois metros de diâmetro, comum da região amazônica, embora presente também no Cerrado. Sua madeira resistente é comumente usada em construções.

<sup>8</sup> De acordo com a lei ambiental “Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

individual de dada realidade, cuja rememoração tem a ver com os aspectos daquela realidade que foram significativas para o indivíduo. As mudanças na tradição resultaram em uma sensação de ausência, o que foi percebido nas entrevistas. Não significa que Seu Toim realmente prefira a barraca de palha e os dias de trabalho árduo que levava para construí-la, mas aquelas memórias continham elementos e pessoas que não existem mais fisicamente. De várias mudanças e adaptações citadas, certamente a mais sentida está nas fogueiras: eram 4 e bem maiores do que a de hoje, mas foram proibidas pelo Corpo de Bombeiros, restando apenas uma, usada nos batismos.

[...] era a coisa mais bonita de recordar as fogueiras. Vinham gente de fora fazer as fogueiras. Lembro de seu Tomás da Rocha, ele fazia as fogueiras mais lindas que tinham aqui na rua. Ah, mas era muito bom! (suspiros). [...] Agora, só tem uma de no máximo 1 metro, a única festa que tem batizado que é de São João, é só aqui na rua do Capim, só aqui que pode batizar as crianças [...]. (Valéria de Carvalho Santos Caetano, moradora. Entrevista concedida em: 20 jun. 2019).

A programação da Festa de São João da Rua do Capim envolve diversas atividades distribuídas entre os dias 14 a 24 de junho. Os eventos oficiais são as novenas, missa, reza, procissão, levantamento do mastro, batismos e quadrilha; as demais atividades podem variar em dias e horários, conforme decidir os responsáveis, mas encerram no dia do 24 de junho.

Para tanto, requer-se uma comissão organizadora, a qual se compõe pelas seguintes atividades: 1) Festeira (o): organização, captação de recursos para execução da festa; parte burocrática da festa; 2) Alferes da Bandeira: responsável pela bandeira de São João, andor, procissão, missa; 3) Comando da Quadrilha: Ensaios da quadrilha; 4) Capitães do Mastro: responsável pela coleta do mastro; 5) Comunidade: Reza, fogueira, ornamentação da praça e novenários.

Para a ornamentação, a divisão das atividades determina quem fica com cada parte. Para a decoração, ficam os jovens e as crianças; na alimentação, como de costume da divisão social do trabalho, às mulheres. O próximo passo é a divulgação, que é realizada por cartazes, distribuídos na cidade.

Figuras 7 e 8 (esquerda): Altares montado para a novena -2017/2019. Figuras 9 e 10 (direita): Colheita e transporte da madeira para o levantamento do mastro – 2014.



Fontes: Arquivo pessoal de Nayara Assis e Josiene Santos.

Figura 11: Dona Antônia Conceição, Tia Tonha, preparando o lanche comunitário para após o casamento caipira. Figura 12: Fogueira sendo preparada por moradores da comunidade. Figura 13: Almoço comunitário oferecido pela festeira no dia da festa – 2019.



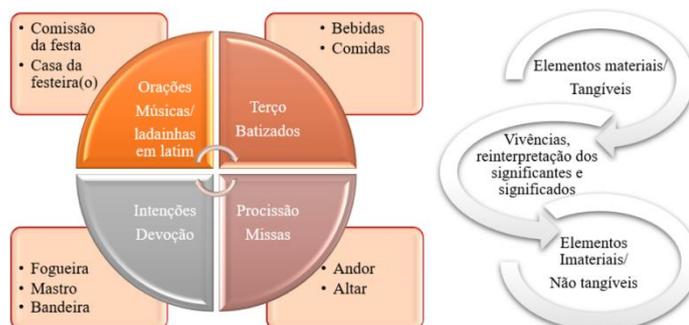
Fontes: Arquivo pessoal de Weylla Lima, Sinara Carvalho de Sá e Nayara Assis.

A Festa de São João da Rua do Capim é comunitária, não visa lucratividade e, como visto, o que arrecada com aluguel de barracas, é voltado para os gastos da festa.

A fogueira, o levantamento do mastro, a bandeira, a novena, o terço, as ladainhas, as missas, a organização da procissão e o arrumar as velas da procissão são momentos de atuação das pessoas da comunidade. Os organizadores da festa e todos os envolvidos que mantêm essa tradição histórica, aprendida com os pais, avós de geração em geração, colaboram para a realização do evento maior: os nove dias da festividade.

A Figura 16 mostra alguns dos elementos socioculturais materiais e imateriais que compõem a festa e como estes se entrelaçam e se reinterpretam cotidianamente:

Figura 14: Elementos socioculturais materiais e imateriais da Festa de São João Batista da Rua do Capim



Fonte: Elaboração de Sinara Carvalho de Sá (2021).

A fogueira e o fogo têm um caráter sagrado e purificador muito importante. Acende-se a fogueira não somente para realizar os batizados, mas para purificar o lugar. A sacralização do espaço é coletiva. É realizada com o hasteamento da bandeira de São João Batista ao mastro, instaurando, assim, o reinado de São João Batista. Em volta dele, manifestações da cultura popular acontecem: o socamento do mastro, danças e cantigas específicas para São João Batista, distribuição de vinho gelado e cachaça. Em uma efusão de alegria pela sacralidade do momento, os agentes da festa tornam-se figuras religiosas.

O simbolismo da mesa farta e a socialização e partilha nesses momentos são frequentemente vivenciados pela comunidade. A festa é pensada e elaborada coletivamente, em um processo de empoderamento horizontal, e é de responsabilidade da festeira a busca por patrocínio e a manutenção do bem estar da comunidade, isto é, comerem bem e garantir que todos tenham o mesmo tratamento num processo contínuo que imita, de uma maneira urbana, o mutirão – comum nas comunidades rurais.

Ressaltamos que essas manifestações são próprias da comunidade e da Rua do Capim, mantendo-se em seus emaranhados simbólicos que se estruturam a partir da relação com a liturgia católica, o catolicismo popular, aspectos das religiosidades de matriz africana, a urbanidade, afetividade expressa nas várias atividades coletivas.

Em meio a inúmeras mudanças que possam ter ocorrido à festa, sobressaem às permanências: o caráter coletivo, a solidariedade entre os moradores, seus costumes antes, durante e depois da festa. Entre jovens, crianças, idosos, gente de toda fé, de toda formação, se reúne em suas portas, sentados em frente às suas casas, nos finais de tarde, proseando com seus vizinhos histórias de vizinhos, da cidade, do mundo, do além mundo. E essa sociabilidade cotidiana é que constrói a identidade da festa de

São João, o elo com a rua, com a praça, de modo que se fundem à devoção a São João Batista; são interdependentes, não podendo, então, ser a festa vista, ou mesmo vivenciada sem a rua.

### **Considerações Finais**

A pesquisa, inicialmente, demonstrou que a Festa de São João na Rua do Capim festividade fora vitimada à invisibilidade, ao não reconhecimento e às tentativas de ocultação das memórias da participação da comunidade afrodescendente na construção das identidades culturais do povo vilaboense, em virtude de uma “herança patrimonial atraçoada e pouco confiável” (Prado, 2014, p.176-178).

Como relembra Tamaso (2007, p. 29), "os bens culturais preservados pelos residentes na cidade, não necessariamente equivalem aos bens preservados ou que estiveram na intenção de preservação do IPHAN". À margem, por conseguinte, ficam todas as manifestações das pessoas que não habitam o centro, que não foram convidadas a selecionar que patrimônios comporiam a representação do local e o itinerário turístico da cidade. Nesse sentido, a cultura do povo pobre e do povo negro dificilmente é rememorada nessas seleções.

Verificamos que, mesmo às margens desses processos, e talvez fomentado por ele, os grupos populares continuam buscando formas de terem seus espaços reconhecidos, de darem continuidades às suas crenças e práticas cotidianas, permeadas de inúmeros significados próprios daquele grupo e daquele lugar. Nessas ações “combinam-se a resistência do espaço e do tempo [...] por meio de relações sociais que persistem, pelo sentido de pertença e pela construção da identidade partilhada, ora como passado, ora como presente e ora como devir” (Lima, 2017, p. 19). A resistência, a partir da memória coletiva, é o que dá sentido ao patrimônio do lugar, não institucionalizado pelas políticas patrimoniais e deslegitimados pelo Estado:

A resistência dessa comunidade negra historicamente marginalizada na cidade “Patrimônio da Humanidade” se materializa na Rua do Capim, por meio da Festa em Louvor a São João Batista, enfatizando o papel da mulher em um mundo, ainda, muito patriarcal, dado que a maioria de seus organizadores são mulheres. É resistindo que essas pessoas ressignificam os lugares negligenciados pelas ações da gestão local do

patrimônio. É resistindo que, mesmo com ínfimos recursos, buscam na coletividade as motivações e o financiamento dos custos das festas, das novenas, para manterem suas tradições, gerações após gerações.

Nesse sentido, foi possível relacionar as formas de afetividade e resistência dos moradores da Rua do Capim, à construção de sua identidade e memória coletiva, as quais estão efetivamente calcadas no sentido de lugar (sempre manifesto em expressões comuns, como: “sou da Rua do Capim”; “nasci na Rua”; “vivo na rua desde que me entendo por gente”) e na familiaridade com o lugar (“aqui todo mundo é família”), na forma de ocupação e na coletivização do espaço.

O aspecto geracional é a estrutura das representações de fé e identidade na comunidade da Rua do Capim, de modo que constantemente, nos relatos, a memória familiar se une e se sobrepõe à da festa.

O sentimento de pertencimento à rua, à festa e à devoção ao santo, promove uma corresponsabilidade entre os moradores da comunidade. Morar na Rua do Capim se faz coletivamente; acreditar e ser devoto de São João Batista, promovendo a festa mesmo com todas as dificuldades reafirmadas, é pela coletividade. Viver é um ato coletivo.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974, p. 208.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 38.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2021.
- LIMA, Luana Nunes Martins de. Lugar e memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência. Tese (Doutorado em Geografia - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG/GEA), Brasília, 2017.
- MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *A história de uma oligarquia: os Bulhões*. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2018.
- OLIVEIRA, Fernando Bueno; D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. *Élisée, Rev. Geo. UEG – Anápolis*, v.4, n.2, p.257-275, jul. /dez. 2015.
- PRADO, Paulo Brito do. Patrimônio Inquirido: por uma história de memórias subterrâneas nos sertões de Goiás em 1930. *Em Tempo de Histórias*, n. 24, 2 out. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14832>>. Acesso em: 3 mar. 2021.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pilon, 1976. p.49.

RIBEIRO, Lorena Santana. Afeto e Permanência: o louvor a São João Batista na comunidade da Rua do Capim na Cidade de Goiás. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais e Humanidades) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para obtenção do título de. Anápolis, 2020. Disponível em: <[https://www.bdttd.ueg.br/bitstream/tede/399/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_LORENA\\_SANTANA\\_RIBEIRO.pdf](https://www.bdttd.ueg.br/bitstream/tede/399/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O_LORENA_SANTANA_RIBEIRO.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2021.

TAMASO, Izabela Maria. A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2005, p. 13-36.

\_\_\_\_\_. *Em nome de patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1995>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. *Festas e procissões da cidade de Goiás: O patrimônio em movimento*. In. Anais do XXVI – Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo. p. 1-17. 2011.

GOOGLE MAPS. *Recorte cartográfico da cidade de Goiás e mediações Praça Conceição – “Praça do Capim”*. [S.l.: s.n.]. 2021. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/-15.925923,-50.1440125/-15.9292831,-50.1425007/@-15.9304595,-50.1451139,16z/data=!4m2!4m1!3e2>>. Acesso em 19 jun. 2021.